

# O castelhano na ortografia setecentista portuguesa:

Álvaro Ferreira de Vera\*

*Sónia Duarte*

Centro de Linguística da Universidade do Porto

**Abstract:** This paper focuses on the work of the 17<sup>th</sup> century Portuguese orthographer Álvaro Ferreira de Vera. Based on the survey of explicit references to Spanish language on Vera's *Orthographia* (1631a), it aims to explore the meaning of those same references, especially concerning what they convey on the knowledge of Spanish and its role in the history of Portuguese linguistic tradition. This approach shall be undertaken observing the methodological guidelines of Linguistic Historiography and the theoretical framework known as *the language issue in Portugal*, on which the works of Buescu (1983a) and Vázquez Corredoira (1998) serve as main reference.

**Key words:** 17<sup>th</sup> century, Portuguese orthography, Spanish language, Álvaro Ferreira de Vera

## 1. Considerações preliminares

Um dos dados que sobressai na biografia de Álvaro Ferreira de Vera, autor de *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portuguesa. Com hum tratado de memoria artificial: outro da muita semelhança, que tem a lingua portuguesa com a latina* (Lisboa: 1631), é a particular relação do autor com Espanha. Tendo trocado a residência em Portugal pela residência em Castela ainda durante a vigência da monarquia dual, após a restauração de 1640 e no quadro de um generalizado patriotismo português articulado com um forte sentimento anticastelhano o



autor opta por continuar a residir fora de Portugal e por manter a fidelidade ao rei castelhano, segundo informa Silva<sup>1</sup>.

Como já demonstraram M.<sup>a</sup> Leonor Carvalhão Buescu (1978: 75; 1983a: 17) Ana Isabel Buescu (2000: 60-61; 2004: 29-31) e Ana M.<sup>a</sup> García Martín (2008: 34-35), no período a que se reporta o estudo proposto, será sensato não alimentar associações simplistas entre o posicionamento político e o compromisso linguístico dos gramáticos e ortógrafos portugueses, já que se observa um panorama complexo e diversificado a esse respeito. Tal, contudo, não é contraditório com o reconhecimento de que o particular contexto histórico vivido pelo autor e os factos concretos que marcaram a sua biografia podem contribuir para determinar os contornos linguísticos da relação de Vera com Castela e refletir-se na obra em estudo, determinando, eventualmente, a perceção do castelhano que perpassa neste texto, o qual consiste, aliás, na única obra de natureza metalinguística publicada pelo autor<sup>2</sup>.

Para aferir da propriedade (ou não) de tal hipótese, neste trabalho tratar-se-á de proceder ao levantamento das referências ao castelhano na obra em questão, distinguindo entre os factos de língua descritos e as representações linguísticas veiculadas, e considerando ainda eventuais referências explícitas aos autores castelhanos, com vista a interpretar esses dados à luz do quadro teórico da questão da língua em Portugal (Stegagno-Picchio 1959: 13; Buescu 1983a: 225), tal como descrito por Buescu:

Ora o binómio português/castelhano, aparentemente adversativo do binómio latim/português traz, afinal, a neutralização deste, na medida em que a posição em relação ao castelhano releva

---

1\* O presente trabalho foi realizado no âmbito das atividades de doutoramento financiadas pela Fundação de Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/74989/2010) e subordinadas ao projeto de tese "La lengua y la gramaticografía españolas desde la historiografía gramatical portuguesa (1623-1848)", inscrito no *Departamento de Filología Hispánica y Clásica* da *Universidad de León* e realizado sob orientação de María Dolores Martínez Gavilán. "Passando de Portugal para Hespanha, assentou sua residencia em Madrid. Lá estava em 1640, e se conservou nos annos seguintes, continuando a reconhecer Philippe IV como seu rei, não obstante achar-se aclamado, e governando em Portugal o Duque de Bragança" (Silva 1858: I, 46). Curiosamente, apesar desta informação, a obra de que aqui nos ocupamos (1631), sendo publicada ainda em vigência da monarquia dual, é dedicada a D. Manuel da Eça, descendente do infante D. João – um elemento da casa real portuguesa que, durante a crise dinástica e interregno de 1383-1385, disputou o trono português contra Castela. Parece ainda significativo que esse episódio específico seja mencionado precisamente no texto da dedicatória.

<sup>2</sup> Tal é o que se deduz da lista de publicações do autor encontradas em Diogo Barbosa Machado (1741: I, 102-103), de onde se extrai ainda a lista de obras em castelhano de Vera. Aí se informa também que o autor publicou em ambos os lados da fronteira tendo-se dedicado principalmente à escrita genealógica, sendo uma parte significativa desta sobre as famílias castelhanas e tendo conseguido muito boa aceitação, tanto em Portugal como no reino vizinho. Segundo Barbosa Machado (1741: I, 103), Vera terá escrito ainda, "compendio de vocabularios, ou lexicon lusitano Latino", mas tal obra não terá sido impressa. Aliás, a nota de que o texto estava prestes a ficar concluído está também no fecho do prólogo da obra aqui em estudo.



duma *praxis*: apresenta a iminência de um risco que os humanistas pressentem - o do predomínio de uma língua competitiva, forma de expressão de uma nação de algum modo rival – e em termos objetivos mais poderosa – no plano político interno e também no plano duma política expansionista e imperial.

Assim a reaproximação com o Latim representa o estreitamento de um vínculo que, sendo tutelar, é também libertador (Buescu 1983a: 225).

Tal quadro teórico conforma o discurso linguístico português dos séculos XVI e XVII e condiciona a perceção que o mesmo veicula sobre o castelhano, como é desenvolvido nos estudos de Vázquez Corredoira (1998), Rodríguez (2005) e García Martín (2007). Assim sendo, o presente estudo visa, em última instância, posicionar o autor relativamente ao referido quadro teórico e, desde essa perspetiva, à tradição precedente: Fernão de Oliveira (1636), João de Barros (1540) Pero de Magalhães Gândavo (1574) e Duarte Nunes de Leão (1576). Destes textos, destacam-se os dois últimos, por serem os únicos tratados ortográficos publicados autonomamente que precedem a *Orthographia* de Vera<sup>3</sup> - não obstante os importantes e pioneiros contributos dos textos gramaticográficos de Oliveira e de Barros.

A aproximação ao texto de Vera desde a perspetiva específica do que ele diz sobre o castelhano revela-se útil para aprofundar o conhecimento da sua obra, uma vez que, se bem que a sua teoria ortográfica se encontra já estudada por Kemmler (2001: 189-193) e Gonçalves (2003: 855-862) no quadro das suas obras gerais sobre a ortografia portuguesa, assim como por Monteiro (1992) num estudo especificamente dedicado a Vera, não se conhecem ainda estudos sobre esta obra orientados para a abordagem que aqui se pretende levar a cabo. Tal já foi, contudo, levado a cabo por García Martín (2003) relativamente ao opúsculo *Breves Louvores da Língua Portuguesa*, um texto apologético publicado em conjunto com a obra em foco (tal como outros dois textos referidos no quadro 1) e ao qual também se dedicará aqui alguma atenção, no sentido de aferir de que modo complementa a informação do texto da *Orthographia*, obra sobre a

<sup>3</sup> Conviria ainda talvez considerar as *Regras da Orthographia Portugueza* (Lisboa 1615) de Amaro de Roboredo. Contudo, dado que, como informam Kemmler (2001: 188-189) e Gonçalves (2003: 845-846), não há conhecimento de que tenha chegado até nós nenhum exemplar da *editio princeps*, mas apenas uma edição setecentista, decidi não a incluir entre o *corpus*, atendendo em especial às reservas de Kemmler (2001: 188-189) a respeito da fiabilidade da edição do século XVIII.



qual se centra realmente este trabalho e que, como é visível também no quadro 1, corresponde ao texto mais extenso de toda a obra.

<i>Licenças</i>	sem numeração
<i>Ad lectorem</i>	sem numeração
<i>A D. Manuel d' Eça</i>	sem numeração
<i>Prologo</i>	sem numeração
<b><i>Orthographia ou Arte para escrever certo na lingua Portuguesa</i></b>	<b>(fol.1r– 47v)</b>
<i>Modo para saber contar per Calendas, Nonas &amp; Idus: &amp; pelas notas &amp; abreviaturas dos Romanos &amp; Gregos”</i>	(fol. 49r-55v)
<i>Memoria artificial ou modo para adquirir memoria, por arte</i>	(fol. 57r-76r);
<i>Breves louvores da lingua portugvesa, com notaveis exemplos da muita femelhança, que tem com a lingua Latina</i>	(fol. 77r-88r)

Quadro 1: estrutura da obra

## 2. Levantamento de dados

Concentrando-nos primeiramente no grupo de referências predominante – o relativo às consoantes – constatamos que o primeiro comentário deste tipo surge a respeito do fenómeno de betacismo.

Tem esta letra muita semelhança, & afinidade com a letra consoante v; com que faz errar a muitos Portugueses de entre Douro e Minho, & os mais dos Castelhanos, que não advertindo o que vai de hũa á outra, as trocãõ na pronunciação, dizendo: Brabo: & bravo: avano, &



abano: aldraba; &aljava: como aldrava, aljava: barrer; & varrer: & pior, dizendo bosso, buestro; por vosso, & vuestro &c. (Vera 1631a: fol. 6r)<sup>4</sup>.

A associação deste fenómeno com a noção de *erro* explicita a conotação negativa atribuída ao mesmo no texto de Vera. Note-se, contudo, que a censura não incide apenas sobre o castelhano: o que é apresentado como *erro* e como revelador de incoerência entre oralidade e grafia corresponde, na verdade, a um desvio ou variação dialetal do português, desvio esse através do qual se estabelece uma aproximação entre o castelhano e os dialetos do norte de Portugal. Note-se que tal associação tem por base um outro termo de comparação que aqui está omissa - o galego -, mas que, como advoga Vázquez Corredoira (1998) enquanto tese central do seu trabalho, desempenha um papel incontornável na relação entre português e castelhano. O mesmo fenómeno de betacismo é ainda referido nos *Breves Louvores* (Vera 1631b: fol. 85b), também em tom contrastivo, mas já sem essa nota a respeito da variação diatópica do português. Esta matéria, que, como se demonstra noutros estudos (Duarte 2015; Duarte inédito), marcou de forma importante a tradição de comentários contrastivos entre português e castelhano encontrados na tradição metalinguística portuguesa, não está, contudo, presente nos demais textos aqui em cotejo.

Ainda no âmbito das consoantes, a segunda referência encontrada surge a propósito do grafema <-d>.

Nenhã dicção terminamos nella: como fazem os Castelhanos. Donde errão dizerem, ã tem dous dd: hũ para o principio da dicção, outro para o fim della: & assi dizem. merced, maldad: terminando nella todos os imperativos do plurar: como traed, amad (Vera 1631a: fol. 7r).

Também neste caso o comentário assume um foco contrastivo e também neste caso se trata de outro traço com marcada presença na tradição posterior (Duarte 2015; Duarte inédito) acerca

---

<sup>4</sup> Nas transcrições da obra em estudo, procedeu-se a uma modernização dos grafemas nos seguintes casos: i) uniformizou-se na letra “s” a representação da sibilante surda; ii) na letra “v”, a representação da fricativa labiodental sonora.



do qual não há registos nos textos em cotejo. Do ponto de vista historiográfico, é particularmente interessante que, neste ponto, o texto não se limite a contrastar os factos de língua em si, mas também contraste a fundamentação teórica dos textos que os descrevem, aludindo a um argumento de necessidade de diferenciação entre <-d> final e <d-> inicial.

Outro traço comentado contrastivamente por Vera é o valor da aspiração – representada graficamente por <h>.

[...] Para á lingua Castelhana he de muita importancia, & tem muita valia, servindo-lhe de F, nos vocabulos, que com elle pronunciavão antigamente, que onde dezião, fidalgo, fijo fazienda; dizem hijo, hidalgo, hazienda. E nestes vocabulos, huevo, huerto, huevo [sic], huerfano, huesso, & outras semelhantes lhes serve de G, na pronunciação: como, gueco, guesso huevos, &c. Porque fica soando mal, & peñor escrevendose, uevo, uerto, uesso: porque se ha de escrever na forma acima com o ditto H (Vera 1631a: fols. 9r-9v).

Relativamente a este caso, torna-se oportuno tecer diversas observações. Em primeiro lugar, notar o relevo dado (por contraste com o português) ao facto de a aspiração ser efetivamente um traço relevante na fonética coeva do castelhano, não obstante a alusão a um passado de maior conformidade entre os dois idiomas. Tal é significativo, não tanto do ponto de vista do fenómeno fonético em si, mas sobretudo considerando a conotação negativa que tal fenómeno de aspiração adquiriu na tradição de comentários sobre o espanhol, conotação essa que, como se refere em Duarte (2015; inédito), podemos encontrar no conjunto de textos metalinguísticos portugueses subsequentes<sup>5</sup>. A isto acresce ainda, como aspeto a salientar, o estabelecimento de uma correspondência regular entre o emprego do <h> vs <f>, no que toca à diferenciação com o português, mas também a uma nota sobre o modo como nem sempre a representação gráfica da aspiração corresponde em castelhano à sua efetiva realização vocálica, sendo articulado frequentemente como velar sonora.

---

<sup>5</sup> Entre a tradição precedente há registo desta questão, mas não no *corpus* aqui considerado, sendo que, contudo, convém assinalar que um dos autores em confronto a contempla noutra obra sua, nomeadamente Gândavo (1981[1574]: 64, 67), no *Diálogo*.



Outro caso ainda de correspondência regular entre resultados em português e castelhano é aquele sobre o qual nos informa a seguinte passagem – particularmente longa – relativamente à palatal lateral grafada <lh>.

Os Castelhanos a querem suprir com dous ll: & dõde nós dizemos Castelhanos; dizem elles; Castellanos: ou a mudão em j: como nestes vocabulos, semelhança, telha, trabalho, mulher, & dizem semejança, teja, trabajo, mujer. E daqui vem escreverem mal todos os vocabulos Latinos, que tem dous ll. que na sua lingua Castelhana guardão o sonido Latino, por estarem incorrutos: porque necessariamente lhe tirão hum dos dous ll: como nestas palavras, syllaba, Tullio; escrevê Tulio, sylaba. Porque escrevendoas como de vera ser ficarião dizendo Tulhio, sylhaba. Ao que elles respõdem, que a letra l, duplicada, & feita em ll, não fica sendo dous ll; se não hum sò. E ja que assi o querem, assi seja, pois pagão com dizerem que o mesmo fazemos nos com dous rr: como nestas dicções; terra, corruta. E não vem que estas palavras pronunciamos de maneira que sentimos ficar hum r, com a syllaba precedente, & outro com a seguinte: assi, ter-ra, cor rutta. O que não he, nem poderá ser neste nome Castelhana, villa: porque não o pronunção de maneira que pareça, que fica hum l. com a syllaba precedente, & vai outro com a seguinte: mas assi a pronunção, como se, l, e l, fossem hũa sò letra. Porque não se pode dividir assi vil-la, mas assi vi lla, que he divisão sua: em que dous ll, ferem hũa mesma vogal, ã he contra toda a razão da boa orthographia. Porque nenhũa lingua soffre, que duas letras de hũa especie possam juntas ferir hũa mesma vogal. E por ser tam urgente esta razão, nos vão imittando algũs Castelhanos esta nossa orthographia (Vera 1631a: fols. 12v-13r).

Tal situação, tratada também nos *Louvores* (Vera 1631b: fol. 78v) sugere vários comentários. Um deles, relativamente à vulgarização de termos latinos, registando-se em Vera uma apreciação negativa dos resultados gráficos (em castelhano) de certos termos, interpretando esses resultados como representativos de maior corrupção e de menor coerência da ortografia castelhana, quer no que toca à coerência entre grafia e fonética, quer no que toca à conformidade com o que são apresentados como princípios gerais do funcionamento de todas as línguas. Note-se que esta



última apreciação é recuperada de Leão (1983[1576]: 64-66; 1983[1606]: 310), aliás, numa redação com bastantes pontos de coincidência. Outro aspeto a evidenciar é o facto de que, de novo, há referência ao discurso autojustificativo das opções castelhanas, o qual, curiosamente, faz recurso do conhecimento do português procurando uma equivalência (que Vera desmonta) relativamente ao duplo *rr* e, procurando argumentos linguísticos universais (cujas implicações também serão desenvolvidas adiante). Tais argumentos são utilizados por Vera para dar vantagem à ortografia portuguesa sobre a castelhana, aludindo mesmo à consciência dessa vantagem por parte dos próprios castelhanao-falantes.

No caso da consoante nasal grafada <n>, o autor realça o contraste na colocação da mesma antes de consoante bilabial – não só relativamente às regras específicas do português, mas também relativamente ao que ele apresenta como um princípio ortográfico universal.

Os Castelhanos dizem que não tem obrigação de guardar ésta regra: & tem por mais acertado dizerse em sua linguagem inmortal, enbaraço, imperio; do que immobil, embarcacion, & imperios: que he o que nos fazemos da letra N, quando se segue consoante, dizêdo Antonio ensina; & não Antonio emsina: immittando aos Gregos, & Latinos, que guardão esta regra de escrever M. antes de B, & P, M (Vera 1631a: fol. 13r).

N he semivogal: della se servem as linguas por ser mui necessaria: & nehũa a põe (salvo a Castelhana) antes das tres letras, B, M, P [...] (Vera 1631a: fol. 13v).

Estrategicamente, recorrendo, mais uma vez, a princípios que apresenta como universais, o autor fragiliza a opção ortográfica do castelhanao pelo isolamento da mesma no quadro de outras línguas. Com efeito, como já se observou a respeito de outra situação, também aqui Vera não se limita a constatar o uso linguístico, mas reflete ainda sobre o discurso metalinguístico castelhanao<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Vera não indica aqui as suas fontes, contudo, parece oportuno notar que, efetivamente, há indícios de que tal discurso tivesse arraigo entre os ortógrafos e gramáticos castelhanos. Por exemplo, um pouco mais tarde, Juan Villar, na sua *Arte de la lengua española* (Valencia 1651), defende justamente o uso de <n> antes de oclusiva, contrariamente ao critério etimológico. A partir das suas palavras, pode deduzir-se que o que defende Villar seria a tendência dominante na época: "lo contrario an observado siempre nuestros mas cultos Españoles siguiendo en ello a los latinos, pero ya comunmente los modernos quieren, que esta etimologia se conforme con la comun pronunciación que pronuncia onbre, canpo" (Villar 1651: 141).





e, de certa forma, posiciona-se perante o mesmo, ao demonstrar como o castelhano se desvia da referência clássica – considerada modelar no quadro da questão da língua – ao mesmo tempo que aponta para a conformidade do português com o referido modelo.

No entanto, cabe observar, que como se demonstrou noutros trabalhos (Duarte 2015; Duarte inédito), este não é – relativamente ao uso da letra “n” – o aspeto de maior enraizamento na tradição portuguesa de comentários contrastivos sobre as duas línguas. Com efeito, um dos que alcançou maior impacto - quer em termos relativos (no que concerne a esta letra), quer absolutos (no quadro de todos os traços contrastivos) – foi a oposição entre a terminação em <-n>, em castelhano e o ditongo nasal final grafado <-ão> ou <-am>, em português, sendo que essa projeção se poderá talvez explicar, pela controvérsia que a própria grafia do referido ditongo gerou na tradição precedente (entre os textos consultados: Oliveira 1536: 95, 97; Leão (1983[1576]: 90-92, 94)<sup>7</sup>, grafia essa à qual surge, aliás, associada a sua referência em Vera e para cujo significado advertem Vázquez Corredoira (1998: 55) e Sousa (2005:12)<sup>8</sup>. Note-se que no texto de Vera, tal questão não está omissa, contudo, não é desenvolvida logo aquando da exposição acerca das letras consideradas individualmente, mas sim na parte do texto que dedica especificamente aos ditongos: “Trattado das vogaes, que juntas na linguagem Portuguesa se fazem dittongos” (fols. 25r-26v).

Todas as vezes que na lingua Portuguêsa acabar qualquer nome em, ão, avendo duvida no formar do plural, vejase como se termina na lingua Castellhana: porque se acaba em an, faz o plural (acerca dos Castelhanos) em anes: como capitán, capitanes; gavián, gaviñanes; Aleman, Alemanes. E assi forma sempre sem exceção algũa o Português singular em, ão & o plural em, ães; como, de capitão, capitães gavião, gaviães; Alemão, Alemães.

<sup>7</sup> Leão contempla-a ainda em texto posterior (1983[1606]: 305-305).

<sup>8</sup> “Mereceria um estudo aprofundado este, atrevo-me a dizer, repúdio de alguns portugueses do seu ÆO/AM. Este ditongo nasal, que os gramáticos não deixam de ressaltar como característico do português face ao castelhano e a outras línguas [...] era objeto de longuíssimas disputas” (Vázquez Corredoira 1998: 55). “Observemos que outras características importantes da língua portuguesa não são tão amplamente discutidas como o *tyranno* ditongo nasal. Em uma perspetiva estritamente interna ou estrutural, a realização das nasais não é um fato central para o sistema da língua; no entanto ela é central na discussão da grafia nos quinhentos e seiscentos – não por sua importância interna, mas porque representa uma *característica saliente que diferencia a língua portuguesa no contexto ibérico*” (Sousa 2005: 312).



Mas se acerca dos Castelhanos o singular, que os Portuguêses acabão em, ão, elles formão em, ano, como villano, ciudadano, aldeano, de que elles formão o seu plural em, anos; o nosso plural será em, ãos: & assi como elles dizem, villano, villanos, ciudadanos, aldeanos; diremos nos, cidadãos, aldeãos, villãos: & se o singular acerca dos mesmos Castelhanos for em, on será o nosso plural em, ões; como sermon, opinion, coração, de que dizem, opiniones, sermones, corações; diremos nos, sermão, sermões; coração, corações; opinião, opiniões. Porque nisto, & em outras cousas, que por brevidade deixo, tem respeito, & correspondencia a lingua Portuguesa â Castelhana (Vera 1631a: fols. 25v-26r).

Aí, tal como frequentemente acontece na tradição quer precedente (destacando-se entre o *corpus* em cotejo o texto de Leão, por apresentar uma formulação muito próxima), quer subsequente (destacando-se o *Antidoto da Língua Portuguesa* [Amsterdão 1710] de António de Melo da Fonseca<sup>9</sup>, por se dedicar integralmente a tal ditongo), esta questão surge associada à da formação do plural em português, para a qual o castelhano funciona como modelo facilitador da assimilação das regras em português, assumindo-se, simultaneamente, como diferenciador e aproximativo por “correspondência” ou “analogia”. Já nos *Breves Louvores* (1631b: fol. 79v; 1631b: fol. 85v), a referência surge formulada em termos genéricos como um traço que diferencia regularmente as duas línguas e que se associa às interferências registadas no desempenho dos castelhanos em outras línguas (modernas ou clássicas).

Em último lugar, Vera apresenta ainda a articulação vocálica ou consonântica da letra grafada <y> como mais um traço distintivo entre os sistemas consonânticos das duas línguas: “aos Castelhanos serve de consoante, mas não de vogal: & dão para isso razões, que para sua orthographia ficão bastantes (Vera 1631a: fol. 21v). Tal aspeto está também presente em Leão (1983[1576]: 78), embora este o faça no quadro de uma valoração negativa e de sancionamento como erro. Torna-se, contudo, ambíguo se nessa apreciação inclui ou não o português, já que não

---

<sup>9</sup> Pseudónimo de António José de Macedo (1667-1717). Deste texto se trata em Duarte (2015) e precisamente desde a perspetiva de aproximação ao castelhano aqui desenvolvida.



emprega o termo *castelhano*, mas sim *hespanhol*<sup>10</sup>. Observe-se que, no caso de Vera, desta vez, ao aludir ao discurso metalinguístico que sustenta a opção castelhana, Vera não o valoriza negativamente, como aliás se observa também quando comenta a opção de alguns portugueses pela grafia com <y> dos adjetivos *maior* e *pior*: “[...] & escrevendose com, y, confundese a pronunciação com a dos Castelhanos, que assi bem o escrevem” (Vera 1631a: fol. 22v).

No que respeita aos sinais e mais concretamente ao valor da diérese, Vera refere o modo como as regras do português poderão afetar o desempenho no castelhano causando interferências: “além disto fôra da lingua Latina, mui poucos usão désta nota Diéresis. Polo ã se se guardar na escriptura esta differença de, u vogal, & ve consoante, não cahirão algũs poucos versados na lingua Castellana[sic]<sup>11</sup> em muitos erros na pronũciação: como, auré, aurá, avendo de pronunciar, & escrever, avré, avrá” (Vera 1631a: fols. 19v-20r). Vera refere o castelhano em reforço da sua rejeição da proposta de uso da diérese como solução distintiva para a articulação vocálica ou consonântica de <u>, na medida em que considera tal proposta contraproducente relativamente a um público conhecedor do castelhano. Note-se que há certa ambivalência relativamente ao referente desse mesmo público, embora talvez o âmbito do erro (na oralidade) aponte para uma referência aos portugueses, já que seria neste caso um campo talvez menos permeável à verificação de erros entre os falantes nativos, embora oferecesse maior dificuldade para os que aprendem castelhano como língua segunda ou como língua estrangeira – distinção pertinente no Portugal da época. Não há registo desta perspetiva relativamente a este facto nos textos da tradição anterior consultados.

Relativamente às observações sobre a morfologia do castelhano, são apenas duas e surgem ambas no âmbito da exposição sobre o emprego de vogais dobradas. A primeira incide sobre a formação do feminino:

---

<sup>10</sup> A ambiguidade é resultante do facto de, até ao século XVIII, o termo “hespanhol” ter um referente mais amplo que na atualidade, abrangendo igualmente a língua portuguesa.

<sup>11</sup> Trata-se de uma gralha curiosa, embora não se possa extrair daí maior significado sobre uma aparente interferência do castelhano, dado que pode tratar-se simplesmente de um erro de impressão.



“Dobrão. A. muitasdicções[sic] corruttas dos Latinos, ã tẽ cõsoante entre dous, aa, aqual se tirou: como de sanare, saarar: de palatum, paadar: de mala, maa. E os nomes (como fica ditto no primeiro capitulo) que sendo femininos se formarão dos masculinos: como de pao, paa: de lao, laa. E muitas dicções Latinas, & Castelhanas em, ana, perdem o N: como de germana, irmãa, de lana, lãa (Vera 1631a: fols. 30r-30v).

Neste caso, a referência ao castelhano é apresentada como ilustrativa, mais uma vez, da regularidade que há entre as duas línguas em termos de correspondências de resultados, mas, acaba por evidenciar, implicitamente, que, neste caso específico, na evolução do latim para o vulgar, o castelhano apresenta maior proximidade ao latim que o português. Não foram encontrados registos de algo similar nos textos precedentes entre o *corpus* selecionado. Aqui concretamente, de certo modo contraria-se o argumento fundamental que opõe o castelhano ao português no quadro da questão da língua. Tal, contudo, não está claramente expresso no texto de Vera, onde, pelo contrário, noutras passagens (1631a: fol. 29v) e em especial nos *Breves Louvres* (1631b fols. 83r-85r), reforça tal argumento através da alusão à proximidade entre português e latim, embora sem dar vantagem expressa ao português sobre o castelhano.

A segunda observação sobre a morfologia, concerne ao modo como a contração ou não do artigo com a preposição separa as duas línguas e aí, de novo, o castelhano é apresentado com a finalidade didática de facilitar as regras de aprendizagem do português: “os que quizerem nisto acertar, vejão como soa na lingua Castelhana, & achando a preposição A, eo articulo la, escreva com dous, aa; como voi a la iglesia; voi a las Indias, diga, vou aa igreja; vou aas Indias (Vera 1631a: fol. 30v). Tal aspeto já está presente em Leão (1983[1576]:150), aliás com exemplos coincidentes com os de Vera.

Finalmente, apesar do interesse historiográfico dos comentários de Vera sobre o discurso que suporta a tradição ortográfica do castelhano, observe-se que, no texto da *Ortographia*, apenas há referências genéricas. Contudo, não deixa de ser pertinente que tais comentários revelem o conhecimento direto ou indireto dessa mesma tradição. Situação diferente é a observada nos *Breves Louvres*, onde surgem referências concretas a outro tipo de fontes das quais, não obstante, se retira igualmente informação de valor linguístico e que são igualmente significativas



do grau de conhecimento do autor sobre a cultura castelhana. É o caso de Francisco de Monzón (?-1575), em cuja obra historiográfica Vera recolhe informação acerca da afinidade do português com o latim (1631b: fol. 85v)<sup>12</sup>, ou as referências literárias encontradas na obra de Vera em questão e estrategicamente apropriadas como testemunhos do reconhecimento pelos castelhanos da supremacia do português sobre a sua própria língua: nomeadamente Lope de Vega (1562-1635) (1631b: fol. 85v) e Miguel de Cervantes (1547-1616) (1631b: fol. 85v).

### 3. Análise dos dados recolhidos e notas conclusivas

#### 3.1. Fenómenos linguísticos

<b>Relativos à representação e articulação das consoantes</b>
Betacismo
Emprego do grafema <-d> em posição final de palavra
Valor da aspiração no grafema <h>
Emprego do grafema <ll>
Emprego do grafema <n> antes de consoante bilabial ou em final de palavra
Articulação consonântica do grafema <y>
<b>Sinais</b>
Valor da diérese
<b>Morfologia</b>
Manutenção do traço de nasalidade em terminações de feminino
Ausência de contração de preposição com o artigo

Quadro 2: fenómenos linguísticos focados contrastivamente por Vera

<sup>12</sup> Dentro das referências historiográficas, Vera menciona igualmente um certo D. Manuel Gusmão de Vera a quem apresenta como autor de *Epítome do Emperador Carlos V*. Não se conseguiu, contudo, recolher informação sobre este autor que esclarecesse se se trata de um castelhano ou de português. É curiosa ainda a referência à figura de D. Filipe I (II de Espanha) (1527-1598), embora não se esclareça a fonte dessa informação. Seja como for, tal informação é relevante, do ponto de vista da perceção do castelhano pelos portugueses e da sua adoção como língua de prestígio em Portugal, contrastando com a salvaguarda administrativa do português pelo próprio monarca castelhano (1631b: fol. 86r).



Na sua maioria, as referências apontam para traços distintivos relativamente à representação gráfica de sons consonânticos, não obstante duas ou três notas sobre matérias no âmbito dos sinais ortográficos e mesmo da morfologia, ainda que também no quadro do comentário à representação gráfica e articulação dos sons do português. Relativamente ao peso e desenvolvimento de cada um dos fenómenos a propósito dos quais há referência ao castelhano, cumpre notar que os que alcançam maior extensão no texto em estudo são claramente a representação e articulação da palatal lateral, e a correspondência, em castelhano, do nosso ditongo nasal final.

Do ponto de vista das finalidades e estratégias a que estão associadas as referências a estes fenómenos do castelhano, Ponce de León (2005: 675-676) identifica nos textos que precedem a primeira gramática de espanhol para portugueses (editada por Nicolau Peixoto em 1848) duas finalidades principais: a pedagógica e a editorial. No texto de Vera destaca-se sem dúvida a primeira, associada a um enfoque contrastivo que, por vezes, acentua uma correspondência regular com o castelhano, a qual se prende - em alguns casos de forma explícita - com preocupações didáticas de facilitação da aprendizagem das regras do português por parte de um público conhecedor do castelhano e que o usa num quadro de diglossia, por vezes talvez mesmo como língua segunda. Tal orientação contrastiva, como adverte Parreira (2011: 347), pode ainda servir finalidades apologéticas, as quais, efetivamente, estão também presentes na obra de Vera, especialmente nos *Breves Louvores*<sup>13</sup>. No caso do texto sobre o qual se centra este estudo, há igualmente apreciações que reforçam uma estratégia apologética, nomeadamente no que toca à

<sup>13</sup> No texto estudado por García Martín (2003) – os *Breves Louvores* –, naturalmente que o tom, como o título indica, é apologético e os comentários sobre o castelhano conformam-se a uma estratégia de enaltecimento do português. Tal estratégia, nesse texto – como aliás já em Leão – alicerça-se na identificação de ambas as línguas com um mesmo sistema linguístico de prestígio (o românico) (Vera 1631b: fol. 79r), embora tal estratégia, também reverta favoravelmente para o castelhano. Em palavras da referida investigadora, “Gândavo expressa perfeitamente, pois, como o desvio da língua mãe, e portanto a maior ou menor proximidade ao latim, se erige em argumento fundamental na dialéctica de competição entre as línguas romances. Mas, paradoxalmente, a consciência românica serve também aos apoletas do português para enquadrar a sua língua num amplo e coeso marco linguístico e cultural herdeiro do latim. Assim, a Ferreira de Vera, a alusão ao conjunto das línguas romances serve-lhe para justificar a própria tipologia linguística do português perante aqueles que a classificavam como língua inferior. [...] A mesma atitude é recorrente em Leão, quem, cada vez que expõe que o português carece de algum elemento que sim existe em latim, se preocupa de esclarecer que o mesmo acontece nas outras línguas românicas” (García Martín 2003: 110). Tal estratégia nos *Louvores*, apoia-se ainda na relativização de determinadas conceções positivas do castelhano em comparação com o português e nefastas para este, como sejam a suposta superior projeção do castelhano e a sua suposta superior propensão para determinados géneros (1631b: fols. 86v-88r), como já foi apontado por García Martín 2003: 112-115, ou ainda a superioridade da norma portuguesa no plano da oralidade, pela ausência do fenómeno de betacismo (Vera 1631b: fol. 85v). Essa relativização assenta na contraposição de exemplos da projeção de autores portugueses noutros territórios (entre os quais Castela) e na alusão à capacidade de expansão do império português (o que tem precedentes em Leão (1606: 133-137), como já foi apontado por Vázquez Corredoira (1998: 48).



reivindicação de uma maior aproximação do português ao latim, no quadro de valorações negativas sobre o castelhano e revelando a persistência do esquema teórico da questão da língua. Relativamente ao castelhano, o sentido dos comentários é quase sempre diferenciador, ainda que no quadro de estabelecimento de correspondências regulares. A única situação em que se estabelece uma relação por semelhança não se dá relativamente à norma padrão do português, mas no quadro da censura às variantes do Norte.

### 3.2. Representações

Os estudos que incidem sobre as representações e estereótipos linguísticos que conformam a perceção dos portugueses sobre o castelhano sistematizam da seguinte forma os juízos que é possível recolher na tradição metalinguística do português:

Em estudos sobre o Português	Em estudos sobre o Castelhana
<p><b>1. De ordem estrutural</b>            1.1 <i>rica vs. pobre</i>;            1.2. <i>regular, larga vs. irregular, curta, breve</i>;            1.3. <i>fácil vs. difícil, escabrosa</i>.</p> <p><b>2. De ordem genética</b>  <i>nobre antiga, ensinada</i>.</p> <p><b>3. De ordem sensorial</b>  <i>grave, suave vs. áspera, grosseira</i>.</p> <p><b>4. De ordem moral</b>  <i>Varonil, honesta, casta, pura</i>.</p> <p style="text-align: right;">García Martín (2005: 27)</p>	<p>1. A maior extensão do castelhano.            2. O facto de ser língua mais clara e fácil.            3. O facto de ser língua mais rica e trabalhada.            4. O ser sinónimo de cortesia, de elevação social.</p> <p style="text-align: right;">Rodríguez (2005: 592)</p>

Quadro 3: representações e juízos linguísticos na tradição precedente



Na obra de Vera, como já ficou evidenciado e como se ilustra no quadro abaixo, estão presentes explicitamente algumas destas perceções do castelhano no contexto da comparação com o português e no âmbito da descrição dos fenómenos já inventariados, independentemente de o autor as relativizar criticamente ou aderir a tais representações. São essas perceções as seguintes: i) a irregularidade estrutural da língua em certos fenómenos, não obstante a regularidade da correspondência desses traços contrastivos com o português; ii) a da maior corrupção dos resultados de origem clássica; iii) a da perceção comum da maior expansão e valorização social; iv) a da maior propensão para determinados géneros ou estilos (as duas últimas representações, apenas nos *Breves Louvores*). Note-se, por outro lado, que nem sempre há valoração expressa das diferenças que separam as duas línguas, mas, quando ela existe, é normalmente negativa para o castelhano e enaltecadora do português.

Fenómenos	Conotação genérica	Apreciações específicas
Betacismo	negativa	incoerência entre grafia e fonética
Emprego do grafema <d> em posição final de palavra	∅	∅
Valor da aspiração no grafema <h>	∅	∅
Emprego do grafema <ll>	negativa	incoerência entre grafia e fonética; maior corrupção; incoerência com regras gerais
O grafema <n> antes de bilabial ou em posição final	neutra	regularidade na correspondência com o português
Emprego da diérese	∅	∅
Formação do feminino	∅	∅





Contração de preposição com artigo	neutra	regularidade na correspondência com o português
------------------------------------	--------	---

Quadro 4: representações e juízos linguísticos em Vera

### 3.3. A relação com tradição precedente e com o quadro teórico da questão da língua

O contexto precedente, no âmbito da tradição ortográfica, identifica-se com o quadro teórico enunciado no início deste trabalho. O processo de fixação ortográfica, como descreve Sousa<sup>14</sup>, institui-se como espaço privilegiado de diferenciação do castelhano e a sua cabal compreensão, segundo a mesma autora, depende do reconhecimento do papel que nele tem a já referida *questão da língua*. Quando Vera escreve o texto de que trata este estudo, continua a justificar-se um discurso suportado pelo mesmo esquema teórico, já que o panorama, tal como o descreve García Martín (2003: 128), caracteriza-se pela “situação de precariedade sociolinguística em que se encontrava a língua portuguesa em meados do século XVII, após um século de constante preocupação normativizadora”, sendo que entre os campos em que, segundo a autora, se verificaria essa mesma *precariedade* estaria “nomeadamente o literário, num momento em que a língua castelhana, aludida explicitamente por Vera, e a sua influente literatura, continua a roubar espaço escrito ao português” (García Martín 2003: 128).

O modo como o referido quadro teórico determinou a obra dos autores que precederam Vera e que aqui foram considerados é variável e foi já descrito por Buescu<sup>15</sup>. Considerados os dados

<sup>14</sup> “Assim, para entender os horizontes da escrita seiscentista, é necessário remeter ao contexto ibérico. É no âmbito maior da Península Ibérica que se devem localizar os processos históricos que podem incidir na instanciação da escrita – basicamente, os processos relativos à idealização linguística, que modelam e direcionam esta idealização. Veremos que esses processos se fundam, nesse período, na relação com o castelhano como língua de prestígio na Península Ibérica (Sousa 2005: 269). “É o idioma originalmente falado em *Castela* que servirá de ‘padrão’, no sentido estrito do termo, para ‘medir’ tanto a homogeneidade quanto a diferenciação linguística na Península. Quando os gramáticos portugueses constroem a ortografia portuguesa, no tortuoso caminho que levou mais de três séculos para ser completado, trabalham simbolicamente no sentido de delimitar a língua em relação ao espaço maior do castelhano” (Sousa 2005: 307).

<sup>15</sup> “Perante a mesma situação, porém, a estratégia dos três doutrinadores quinhentistas assume práticas diferentes. Se Oliveira é muito mais severo em relação ao binómio latino-português, é mais atenuada a sua consciência do desenvolvimento do castelhano como língua literária [...]. Barros anula qualquer oposição quanto ao primeiro binómio que, na verdade, e já o dissemos, não chega a constituir matéria de ‘questão’. Para ele, o latim é sempre o modelo exemplar e a razão de prestígio. E, quanto ao castelhano, a oposição implícita toma uma forma discreta (ou não fosse ele o escritor palaciano sempre elegante e atento à contenção do seu discurso) e exprime-se por dois modos: por um lado, colocando o castelhano a par do italiano e do francês, ao mesmo nível de distanciamento [...]; por outro lado, assumindo como seu contraponto a enumeração das excelências do português [...], a verdade é que, implicitamente, ele estabelece uma hierarquia de perfeição, em que o francês parece ser a língua menos prezada do gramático português [...] . Mas é na obra de Magalhães de Gândavo, no seu *Diálogo em defensam*, que, de facto, encontramos



recolhidos, interessa especialmente o caso de Duarte Nunes de Leão, cuja influência sobre Vera, como ficou já evidenciado, é mais visível.

<b>Fenómenos em Vera</b>	<b>Referências precedentes no <i>corpus</i> selecionado</b>	<b>Representações partilhadas</b>
Betacismo	∅	∅
<-d>	∅	∅
<h>	∅	∅
<ll>	Leão (1576)	incoerência entre grafia e fonética; maior corrupção; incoerência com regras gerais
<m> antes de bilabial ou em posição final	Oliveira (1536)	∅
	Leão (1576)	regularidade na correspondência com o português
Emprego da diérese	∅	∅
Formação do feminino	∅	∅
Contração de preposição com artigo	Leão (1576)	regularidade na correspondência com o português

Quadro 5: Vera perante a tradição precedente

Como realçam alguns investigadores (Buescu 1978: 75; 1983a: 17; Buescu 2000: 60-61, 2004: 31; García Martín 2008: 34-35), o apoio político de Leão à monarquia dual não se reflete

---

com perfeita clareza o nó do problema. [...] Gândavo coloca num “frente a frente” audacioso o português Petrônio e o castelhano Falêncio” (Buescu 1983a: 233-235).



no campo linguístico. De facto, Rodríguez (2005) já evidenciou como Leão leva a cabo a apologia do português frente ao castelhano refutando os tópicos existentes sobre a menoridade daquele, e utilizando de forma destacada e estratégica, como apontam Buescu (1983b: 33-34) e García Martín (2005: 29; 2008: 31), o campo do léxico para comprovar a superioridade da sua língua materna na resistência à importação de castelhanismos, paralelamente à sua capacidade de empréstimo de lusismos ao castelhano. No que concerne especificamente à continuidade da sua teoria ortográfica e do seu discurso apologético no texto de Vera, esta foi já sublinhada pela generalidade dos autores que dedicaram a sua atenção a Vera (Monteiro 1992: 81-83; Kemmler 2001: 190; Gonçalves 2003: 855- 862; García Martín 2003: 105; Fonseca 2006: 34-35). Dos dados sistematizados no quadro 5, podemos observar a respeito de que fenómenos e de que apreciações se verifica essa continuidade, sendo que muitas vezes, como foi sendo já assinalado, a redação dos textos dos dois autores se revela bastante próxima, apontando não só para o conhecimento da obra, mas para a presença do mesmo aquando da redação do texto de Vera.

No termo deste trabalho, importa concluir que a referência de Vera ao castelhano, tal como em Leão, deve ser dissociada da adesão política ao projeto da monarquia dual, pois na medida em que se afasta do castelhano para se aproximar do latim o texto em estudo dá continuidade ao quadro teórico da questão da língua em Portugal, afirmando o português perante o castelhano.



## Referências

- Barros, João de (1540) *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Luis Rodrigues.
- Buescu, Ana Isabel (2000) Memória e Poder. Ensaio de História Cultural (séculos XV-XVIII). *Cosmos história* 26, pp. 51-66.
- Buescu, Ana Isabel (2004) Aspectos do bilinguismo português e castelhano na época moderna. *Hispania* 216. LXIV/1, pp. 13-38.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1978) *Gramáticas portuguesas do século XVI*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1983a) *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos portugueses do Século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão (ed.) (1983b [1576;1606]) *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa. Introdução, notas e leitura*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Duarte, Sónia (2015) A perceção do castelhano no *Antidoto da Língua Portuguesa* [1710] de António de Melo da Fonseca”. *ReCHERches, Culture et Histoire dans l'Espace Roman - Langue, grammaire et didáctique en diachronie: domaine romain*. 14/Printemps 2015, pp. 153-173.
- Duarte, Sónia (inédito) Memórias e Louvores da Lingoa Portugueza (1793) - contributos da dicionarística académica portuguesa acerca da perceção peninsular recíproca. In Carlos Assunção, Gonçalo Fernandes e Rolf Kemmler (eds.) *History of Linguistics: Proceedings of the thirteenth International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS XIII), Vila Real, 24 - 29 August 2014*. Münster: Nodus Publikationen (artigo submetido para publicação).
- Fonseca, Maria do Céu (2006) *Historiografia linguística portuguesa e missionária: preposições e posposições no século XVII*. Lisboa: Colibri.
- Gândavo, Pedro de Magalhães (1981[1574]) *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa: com o diálogo que adiante se segue em defesa da mesma língua, edição fac-sim. da 1ª ed. com introdução de Maria Leonor Carvalhão Buescu*. Lisboa: Biblioteca Nacional.



- García Martín, Ana María (2003) A apologia da língua portuguesa no período barroco: os *Breves Louvores da Língua Portuguesa* de Ferreira de Vera. *Estudios portugueses: revista de filología portuguesa* 3, pp. 103-128.
- García Martín, Ana María (2007) Sobre la referencia al castellano en la tradición gramatical del português. In Ángel Marcos de Dios (coord.) *Aula ibérica: Actas de los congresos de Evora y Salamanca*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 209-218.
- García Martín, Ana María (2008) El bilingüismo luso-castellano en Portugal: estado de la cuestión. *Aula bilingüe. Investigación y Archivo del castellano como lengua literaria en Portugal* I, pp. 15-44.
- Gonçalves, M.<sup>a</sup> Filomena (2003) *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1794-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Kemmler, Rolf (2001) Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911. *Lusorama* 47-48, pp. 128-319.
- Leão, Duarte Nunes de (1983[1576;1606]) cf. Buescu, Maria Leonor Carvalhão (ed.) (1983b [1576;1606]).
- Machado, Diogo Barbosa (1741, I) *Bibliotheca Lusitana historica, critica e cronologica na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente: Offerecida à Augusta Magestade de D. João V nosso senhor*. Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca.
- Monteiro, José Lemos (1992) *A Ortografia de Álvaro Ferreira de Vera*. Separata de *Verba (Anuario Galego de Filoloxía)* 19, pp. 79-94.
- Oliveira, Fernão de (2012[1536]) *Gramática da Linguagem Portuguesa, Fac-simile, introdução e edição actualizada e anotada por: José Eduardo Franco e João Paulo Silvestre*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ponce de León, Rogelio (2005[2000]) Textos para la enseñanza-aprendizaje del español en Portugal durante el siglo XIX: una breve historia. In M. A. Castillo *et al.* (coord.) *Actas del XV Congreso Internacional de ASELE*. Sevilla: Facultad de Filología de la Universidad de



Sevilla, pp. 675-682.

Rodríguez, José Luis (2005) Visões do outro. O castelhano na óptica dos linguistas portugueses de Quinhentos. In Miguel Gonçalves *et al.* *Gramática e Humanismo: Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*. I. Braga: ALETHEIA – Associação Cultural e Científica, pp. 591-614.

Silva, Inocêncio da & Aranha, P. V. Brito (1858, I) *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Sousa, Maria Clara Paixão de (2005) *Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600*. Tese doutoral. Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

Stegagno-Picchio, Luciana (ed.) (1959) La questione della lingua in Portogallo. In *João de Barros. Diálogo em louvor da nossa Linguagem*. Modena: Soc. Tipográfica Modonese.

Vázquez Corredoira, Fernando (1998) *A construção da língua portuguesa frente ao castelhano – o galego como exemplo a contrario*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.

Vera, Álvaro Ferreira de (1631a) *Orthographia ou arte para escrever certo na lingua portuguesa*. Lisboa: Mathias Rodriguez.

Vera Álvaro Ferreira de (1631b) *Breves louvores da lingua Portuguesa, com notaveis exemplos da muita semelhança, que tem com a lingua Latina*. Lisboa: Mathias Rodriguez.

Villar, Juan (1651) *Arte de la lengua española*. Valencia: por Francisco Verengel.

